resenhas



o cálculo neurótico do gozo

Ana Laura Prates Silva

Resenha do livro de Christian Ingo Lenz Dunker: *O cálculo neurótico do gozo*. São Paulo: Escuta, 2002.

A psicanálise lacaniana teria, de fato, negligenciado os aspectos econômicos da clínica, como acusam alguns de seus críticos? No livro *O cálculo neurótico do gozo*, Christian Dunker leva essa questão a sério, demonstrando que, se, por um lado, há, na tradição lacaniana, uma certa tendência a privilegiar aspectos estruturais e talvez universalizantes da clínica, em detrimento dos aspectos quantitativos, tão explorados por outras correntes da psicanálise, por outro lado, o conceito lacaniano de gozo e sua articulação com o sintoma parece responder exatamente às questões relativas à economia psíquica apontadas por Freud.

Christian tem a ousadia de retomar um Freud que trata a neurose como fenômeno, e não apenas como estrutura — o que tornaria possível abordar aqueles sintomas tão presentes na clínica contemporânea que parecem estar "na borda da estrutura". Assim, temos que nos render aos argumentos do autor de que, se o conceito de estruturas clínicas responde a um certo abuso das teorias psicodinâmicas em considerar uma continuidade entre os quadros clínicos, o sintoma e os traços clínicos, esse conceito opera, por sua vez, uma redução do sintoma e desses traços à estrutura. Explorando às últimas conseqüências os efeitos éticos e clínicos de tal paradoxo, Christian propõe uma nova visita a Freud, a partir de Lacan, que permita "utilizar o que a teoria do gozo traz de novo para compreender o que a noção de estrutura deixava de lado: as variações sintomáticas".

O leitor não-iniciado ou aquele desinteressado pelos enunciados e conceitos lacanianos deve ignorar o conselho do autor de iniciar a leitura pelo terceiro capítulo, pois raramente terá oportunidade de entrar em contato com um conceito particularmente denso como o de *gozo* na obra de Lacan de modo tão rigoroso e, ao mesmo tempo, pouco dogmático. Com um estilo preciso e inquieto, Christian apresenta, na primeira

parte do livro, os desdobramentos da noção de gozo na obra de Lacan, propondo uma classificação matricial que retoma, sob diferentes ângulos, a questão da incomensurabilidade ou do incalculável. Na matriz lingüística, temos uma disparidade entre o valor de troca e o valor de uso, apontando para uma desproporcionalidade entre perda e restituição. Na matriz ético-jurídica, o autor convoca a leitura lacaniana de Antígona para evidenciar seu distanciamento em relação ao utilitarismo, realçando a impossibilidade de parear desejo, prazer e bem-estar, apontando a inutilidade radical do gozo como "aquilo que não serve para nada". Na matriz econômico-política, a leitura que Lacan realiza do conceito marxista de *mais valia* é resgatada para evidenciar que a produção do excedente que se acumula (mais-de-gozar) tem como efeito tão-somente a substancialização da falta.

Nesse ponto do texto, faz-se presente a inusitada, porém bem-vinda, influência, no autor, do engajado lacanismo inglês — não apenas nas conexões com a política, que talvez tornem possível pensar o laço social contemporâneo a partir de conceitos lacanianos (como propõe Zizek) —, mas também, surpreendentemente, em aspectos clínicos, como, por exemplo, a idéia de Fink de que a procura pela análise seria precedida por uma *juissance crisis*. Finalmente, na matriz lógico-formal, verifica-se, a partir das fórmulas da sexuação, a incomensurabilidade entre o gozo fálico e Outro gozo para o qual a sexualidade feminina aponta. Ainda na primeira parte do livro, Christian retoma o tema pouco explorado do sacrifício, para demonstrar como o cálculo neurótico do gozo realizado pelo sintoma procura estabelecer um pareamento entre duas formas distintas de inscrição de valor: a troca (falo) e o uso (objeto *a*). Há, nesse ponto, uma inestimável precisão clínica na indicação do momento exato em que tal pareamento fracassa — o falo torna-se insuficiente para cifrar o gozo — momento que Lacan chamou de "emergência do Real", ou, nas palavras do autor, momento em que alguém "cai sob o peso do seu sintoma". Nesse sentido, Christian enfrenta uma das principais dificuldades da clínica contemporânea, repleta de "demandas difusas" e/ou "estados limites", propondo a questão fundamental e urgente de como o analista pode operar no sentido de fazer vacilar uma forma de gozo pregnante — onde o sintoma, inversamente, parece ser "bem-sucedido" — provocando, assim, uma "crise artificial do gozo" que permita ao sujeito entrar em análise.

Na segunda parte do livro, Christian aborda, de um ponto de vista bastante criativo, uma problemática que tem

habitado com freqüência os debátés no cenario lacaniano contemporâneo, que é a dos limites do conceito de *estrutura clínica*. Se o faz de modo criativo e inédito, é porque propõe um tratamento a essa questão pela via da retomada de um tema "esquecido", entretanto bastante caro a Freud, que é a questão do desencadeamento da neurose. O questionamento do autor quanto à incompatibilidade ou não da noção de desencadeamento da neurose com o conceito de *estrutura clínica* é tão mais fértil na medida em que os argumentos se encaminhem para uma resposta negativa que pode, inclusive, ser demonstrada com precisão. Christian retoma o texto freudiano de 1917 que trata das causas da neurose para trabalhar a "causa desencadeante". As quatro causas postuladas por Freud são então retomadas a partir da articulação ou desarticulação do falo ao objeto *a*, ou seja, a partir do sucesso ou não do cálculo neurótico do gozo. Novamente encontramos aqui uma ferramenta clínica que torna possível precisar os tipos de desencadeamento, restando talvez a articular se tais diferenças poderiam traduzir-se em modos distintos de entrada em análise.

A retomada fecunda da noção freudiana de que a neurose articula-se à capacidade ou não do aparelho psíquico em lidar com a indisponibilidade do objeto é tratada por Christian não tanto pelas vias tradicionais dos traços de estrutura, mas justamente pelas variantes quantitativas do funcionamento do gozo. Para demonstrar tal tese, o autor convoca o conceito de *Versagung* (frustração) oferecendo alternativas de tradução — que, de resto, constituem por si só um ganho "a mais" que o livro oferece — que possibilitem pensar esse conceito como um provável mediador entre os planos quantitativos e qualitativos, no que se refere à indisponibilidade do objeto e às operações de "conversão, troca ou substituição entre desejo e gozo". O conceito de *estrutura clínica*, curiosamente, não sai enfraquecido ou afrouxado dessa análise crítica; ao contrário, parece sair revigorado e arejado, na medida em que Christian demonstra que, embora não possamos dispensá-lo, não devemos utilizá-lo para engessar ou negar a variabilidade dos quadros clínicos.

Na terceira e última parte do livro, Christian retoma, então, os quadros clínicos freudianos a partir das variações sintomáticas, ou seja, da variabilidade econômica dos diversos "cálculos neuróticos do gozo". Esse verdadeiro resgate da incrível precisão clínica de Freud é outro ganho secundário que o livro oferece; além, é claro, de fazê-lo à luz de uma rigorosa demonstração, ou talvez poderíamos dizer "transcriação" dessa tipologia clínica pela lógica dos algoritmos lacanianos, o que

proporciona um importante avanço conceitual. Assim, os tipos clínicos — neurose de caráter, neurose traumática, neurose de destino, neuroses atuais (neurastenia e neurose de angústia) e neurose narcísica — são apresentados com uma atualidade desconcertante, o que é exemplificado perfeitamente através da indisfarçável semelhança entre a descrição sintomática a respeito do transtorno do pânico apresentada pelo DSM-IV e a descrição freudiana de neurose de angústia de 1895. O leitor sairá dessa leitura rendido aos argumentos de que o fator quantitativo torna-se decisivo para compreender as formas sintomáticas e assintomáticas de apresentação do sofrimento psíquico.

E o que pode a psicanálise frente a tais disparidades? Para responder a essa questão, Christian finaliza seu texto com os desenvolvimentos de Lacan, ao final de sua obra, em torno da noção de *suplência*, que merecerá, certamente, articulações "suplementares" em trabalhos posteriores.

Não posso, entretanto, terminar essa resenha sem antes mencionar algo que permeia todo esse livro e que talvez seja um de seus principais méritos. Trata-se de como um livro pode testemunhar, a um só tempo, uma densidade teórico-conceitual e uma impregnação clínica que surpreende não apenas pela generosidade de exemplos e recortes de casos, mas sobretudo pela marca de um evidente estilo clínico e de transmissão. Um livro incomensurável, para usar e abusar.